



AS PAIXÕES DA ALMA E OS SABERES DA MEDICINA MEDIEVAL: OS CUIDADOS COM AS “EMOÇÕES” EM ESCRITOS MÉDICOS IBÉRICOS (SÉCULOS XII - XIV)

THE PASSIONS OF THE SOUL AND THE KNOWLEDGE OF MEDIEVAL MEDICINE: CARE FOR THE "EMOTIONS" IN IBERIAN MEDICAL WRITINGS (12TH - 14TH CENTURIES)

Maria Dailza da Conceição Fagundes*

Universidade Estadual de Goiás - UEG

 <https://orcid.org/0000-0001-9974-041X>

maria.fagundes@ueg.br

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar os saberes médicos referentes à sexta coisa não natural, as paixões ou acidentes da alma (alegria, tristeza e ira), em escritos dietéticos dos séculos XII ao XIV. Nesse período, os físicos a partir da experiência (*practica medica*) e do arcabouço teórico vigente compreendiam que as “emoções” poderiam modificar o corpo e consequentemente prejudicar ou beneficiar a saúde. Assim, propõe-se a análise dos preceitos sobre as paixões ou acidentes da alma concebidas como um campo do domínio médico.

PALAVRAS-CHAVE: Paixões da alma; saúde; doenças; saberes médicos.

ABSTRACT: This article aims to analyze medical knowledge regarding the sixth unnatural thing, the passions or accidents of the soul (joy, sadness and anger), in dietary writings from the 12th to the 14th centuries. During this period, physicians, based on experience (*practica medica*) and the prevailing theoretical framework, understood that “emotions” could modify the body and consequently harm or benefit health. Thus, we propose an analysis of the precepts on the passions or accidents of the soul conceived as a field of medical expertise.

KEYWORDS: Passions of the soul; health; diseases; medical knowledge.

* Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. Docente no Curso de História e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP) da Universidade Estadual de Goiás. É membro do Núcleo Interdisciplinar Clássicos na Educação: Antiguidade e Medievalidade (NICE).

INTRODUÇÃO

O termo moderno “emoção” não integrava o vocabulário conceitual da medicina medieval. Ainda assim, diferentes escritos médicos do período revelam reflexões sobre os estados de saúde e enfermidade considerando aspectos que, na contemporaneidade, são frequentemente associados ao campo das emoções. No *corpus* documental analisado para a composição deste artigo, especialmente nas obras de caráter dietético, observam-se prescrições e recomendações relacionadas à alegria, à tristeza, à ira, compreendidas atualmente como emoções humanas. Essas reações automáticas e instintivas do corpo são concebidas no interior da tradição médica no medievo como paixões ou acidentes da alma que se aplicam às inclinações que rompem o equilíbrio da vida psíquica. Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar os saberes médicos relativos à *sexta coisa não natural*, as paixões, movimentos ou acidentes da alma, em tratados dietéticos produzidos entre os séculos XII e XIV.

Assim como os corpos, as emoções são moldadas pelas sociedades e culturas em que se inserem, portanto, uma história das emoções é essencial para a compreensão da condição humana. A esse respeito, Rosenwein (2020) ressalta a importância de se considerar o que as comunidades emocionais ou grupos sociais definem e consideram como laços de pertencimento e afetividade e o que pode ser benéfico ou prejudicial à saúde. Em sua concepção, os “historiadores interessados nas emoções coletivas de multidões devem levar em conta a comunidade emocional (ou as comunidades emocionais) à qual a maioria dos membros do grupo pertencem” (ROSENWEIN, 2011, p. 23).

Partindo desse pressuposto e considerando a inserção das emoções nas práticas sociais e em diferentes grupos, propõe-se como foco de análise os saberes dos físicos¹ medievais acerca da influência da vida emocional no estado de saúde. Assim, foi mapeado em escritos médicos produzidos no período selecionado para o estudo, século XII ao XIV, a concepção que se tinha acerca do que atualmente denominamos como emoções.

¹ No Medievo, o termo físico era utilizado para designar o profissional da saúde que atualmente se reconhece como médico. A esse profissional competiam a observação do meio e os cuidados direcionados ao corpo humano, tendo como finalidade a manutenção do equilíbrio dos humores e a restauração da saúde.

O *corpus* documental principal analisado é composto por cinco escritos médicos, sendo a maioria incluídos na tipologia de regimentos de saúde, compostos entre os séculos XII e XIV. No mapeamento realizado, selecionamos obras de autoria de físicos cristãos, árabes e judeus de reinos da Península Ibérica. Nesta perspectiva, propõe-se como foco do estudo a análise dos preceitos sobre às paixões ou acidentes da alma nos seguintes escritos médicos: o *Regimen Sanitatis* de Maimônides (1135-1204), o *Liber de Conservanda Sanitatis* de Pedro Hispano (1210-1277), o *Regimen Sanitatis ad Regem Aragonum* de Arnaldo de Vilanova (1240-1311), o *Tahsil garad al-qasid fi-tafsil al-marad al-wafid* (Alcançando o objetivo de esclarecer a enfermidade de peste) de Ibn Játima (1324-1369), a *Medicina Sevillana* de Juan de Avignon (1320-1384). Nesse sentido, pretende-se analisar o conjunto desses escritos a partir de dois campos de investigação: 1) compreender como os físicos medievais concebiam a influência da vida emocional na saúde dos seus pacientes; 2) identificar os preceitos médicos acerca das principais paixões: alegria, tristeza e ira.

Os quatro regimentos de saúde que integram o *corpus* documental são todos escritos dietéticos ibéricos, embora de autoria e temporalidades distintas: um do século XII, redigido por um físico judeu; outro, do século XIII, por um físico cristão; e dois elaborados ao longo do século XIV, por um físico cristão e outro judeu. A esse conjunto acrescenta-se, ainda no século XIV, um regimento de epidemia escrito por um físico árabe. Apesar de terem sido compostas em épocas distintas e de seus autores possuírem diferentes origens, essas obras, por serem tipologicamente regimentos, apresentam elementos em comum, como a preocupação central em prescrever medidas voltadas à conservação da saúde. Além disso, a abordagem proposta neste artigo possibilita examinar a circulação de conhecimentos médicos e culturais em um período caracterizado por intensas trocas intelectuais entre as comunidades judaicas, muçulmanas e cristãs (GARCIA-BALLESTER, 2001; JACQUART, 1995).

Inicialmente, a análise centrou-se no regimento de saúde escrito por um físico judeu nascido na cidade de Córdoba na Península Ibérica: Moisés Ben Maimón, conhecido no Ocidente latino como Maimônides (1135-1204). Sua obra *Kitāb tadbir al-sihha* (*Regimento de saúde*) foi redigida em árabe, em 1198, para o sultão do Egito, Al-Afdal, filho de Saladino. O escrito é composto por um prólogo e quatro capítulos: Regime de saúde em geral para todos os tipos de pessoas; Regime das enfermidades em geral para quando não se encontra médico ou quando encontra e ele não tem conhecimento nem experiência; Sobre o regimento de saúde do meu senhor e o que o

afeta; Conselhos úteis em geral e em particular para pessoas sãs e doentes em qualquer lugar e tempo.

O físico português Pedro Hispano estruturou o *Liber de Conservanda Sanitate* (*Livro Sobre a Conservação da Saúde*) em três opúsculos. O primeiro, *Suma da Conservação da saúde*, está dividido em um prólogo e cinco capítulos e trata da saúde, em geral. O segundo opúsculo, *Coisas que fazem bem e mal*, estruturado em um prólogo e vinte capítulos, trata da saúde, em particular, de cada órgão do corpo. Por último, no opúsculo *Preservação da saúde*, composto por um prólogo e vinte e três capítulos, constam várias recomendações para conservar a saúde, entre elas, exercícios, banhos, sono e uma dieta alimentar.

Neste artigo, recorreremos ainda ao exame do regimento de saúde composto pelo físico catalão Arnaldo de Vilanova: o *Regimen Sanitatis ad Regem Aragonum* (Regimento de Saúde para o Rei de Aragão). Em relação à estrutura, esta obra é constituída por dezoito capítulos. Nos sete primeiros, Arnaldo de Vilanova aborda os seguintes elementos: 1. O ar e o ambiente; 2. Exercício; 3. Banho; 4. Considerações sobre a alimentação; 5. O sono e a vigília; 6. Acidentes da alma; 7. Alimentos e bebidas. Em seguida, são discutidos preceitos referentes aos alimentos e às bebidas: 8. Pão; 9. Legumes; 10. Frutas; 11. Odores; 12. Raízes; 13. Animais; 14. Ovos e leite; 15. Peixes; 16. Sabores e temperos; 17. Bebidas. Por fim, o último capítulo é dedicado às *coisas contra a natureza*² (*contra natura*), ou seja, à doença crônica do rei: as hemorroidas e seus tratamentos.

Além desses escritos, a obra *Medicina Sevillana*, composta na segunda metade do século XIV, será analisada visando identificar os preceitos acerca das “emoções” apresentados pelo físico Juan de Aviñon (1323-1384). Este tratado médico, seguindo o modelo dos regimentos de saúde, foi estruturado em torno de princípios dietéticos. Nesse sentido, é composto por um prólogo e sessenta e nove capítulos, abordando, por exemplo, preceitos referentes ao ar em geral e em Sevilha, alimentação, movimentos da alma, epidemia, etc.

Nos regimentos que integram a maior parte do nosso *corpus* documental, os físicos propunham a manutenção da saúde e a prevenção de enfermidades partindo do conhecimento teórico proporcionado pelas teorias médicas das matrizes antigas e árabes e da experiência, graças aos anos dedicados à medicina. Assim, demonstram que a saúde

² Esse termo refere-se às enfermidades, que, no galenismo medieval, são definidas como essencialmente contrárias à saúde, porquanto alteram a própria natureza.

dependia não apenas do melhor conhecimento do corpo humano, mas igualmente de elementos da dietética medieval, um dos três ramos da prática médica que era destinada a arte de conservar a saúde.

A esse conjunto de textos acrescenta-se ainda os regimentos de epidemia, escritos dietéticos produzidos no século XIV, no contexto da pestilência. Essas obras foram redigidas aos habitantes de uma cidade visando à manutenção da saúde em época de pestilência. Para esse artigo, selecionamos a obra do físico árabe Ibn Játima denominada *Tahsil garad al-qasid fi-tafsil al-marad al-wafid* (Alcançando o objetivo de esclarecer a enfermidade de peste), datado de 1349. Esse escrito, conhecido como *Tratado sobre a peste*, foi redigido em árabe, na cidade de Almeria, no reino muçulmano nazari de Granada. A sua análise permite compreender os preceitos referentes às emoções em tempos de peste. Quanto à estrutura, além do prólogo, esse regimento de epidemia possui dez partes redigidas a partir de questionamentos relacionados à pestilência e feitas por pessoas próximas a Ibn Játima. São questões sobre as causas da peste, sua forma de propagação, medidas preventivas, tratamentos, entre outros. As discussões acerca dos cuidados com as “emoções” em tempos de epidemia são abordadas na questão 5 intitulada “Como podemos nos prevenir e proteger?”.

As paixões ou acidentes da alma não exercem um papel central nos preceitos dietéticos, ao contrário de temas como alimentação que ocupam a maior parte das discussões nos regimentos. Consequentemente, apesar de serem abordadas e de os autores se preocuparem em orientar sobre como evitar que as emoções prejudiquem o funcionamento do corpo humano, não há um tratamento proporcional dessa temática nas cinco obras analisadas. Por isso, ao longo do artigo, preceitos presentes em obras como o *Regimento de saúde* de Maimônides, o *Regimento de Saúde para o Rei de Aragão* de Arnaldo de Vilanova e a *Medicina Sevillana* de Juan de Aviñon são mais citados e analisados, pois os autores dedicam capítulos específicos desses escritos às questões atinentes à vida emocional.

Ao realizarmos um levantamento dos escritos médicos que inserem discussões sobre as paixões da alma, nota-se que essa é uma temática presente em obras médicas desde a Antiguidade. O físico romano de origem grega, Galeno (129-201), no século II d. C., compôs a obra *Tratado sobre as paixões da alma e seus erros*. Outro exemplo é o físico árabe Abu l-Walid Muhammad Ibn Rusd, conhecido como Averrois (1126-1198).

No livro VI de sua obra *El libro de las generalidades de la medicina*³, ao iniciar as discussões acerca da conservação da saúde, afirma que as coisas que prejudicam a compleição⁴ e, conseqüentemente, o funcionamento do corpo humano são: “alteração do ar, prática de exercícios inadequados, trabalhos difíceis de executar, **coisas que afetam a alma, como a ira e o medo**, e o excesso de comida e de bebida” (AVERROIS, *LGM*, capítulo VI, p. 361, grifo nosso).

Por que a preocupação no âmbito da medicina com questões atinentes à vida “emocional” mesmo em períodos tão distantes? A análise das obras médicas selecionadas para a composição deste artigo demonstra que refletir sobre aspectos relacionados ao que hoje denominamos como “emoções” integrava o campo de atuação da medicina desde a Antiguidade, uma vez que os físicos concebiam que estados afetivos, como alegria e a tristeza, poderiam exercer influências benéficas ou nocivas à saúde corporal. Esse tema, bem como os preceitos preventivos e terapêuticos a ele relacionados, era do interesse médico e, portanto, estava presente nos regimentos de saúde. Assim, cuidar da vida “emocional” dos pacientes era considerado importante e necessário para a preservação da saúde, principal objetivo da escrita desse gênero da literatura médica medieval.

Além disso, ao analisar de forma comparativa os cinco escritos dietéticos que integram o conjunto principal de fontes examinadas, identificam-se muitos elementos em comum, pois são frutos da circulação de saberes embasados nas mesmas matrizes antigas e árabes. A explicação pode ser identificada numa perspectiva da História conectada em que, na concepção do historiador das ciências Kapil Raj (2013), o estudo da circulação pressupõe compreender que o conhecimento se desloca e se constitui por intermédio de instrumentos como os escritos médicos, agentes e práticas responsáveis por sua mobilidade. Sob essa perspectiva, a circulação permite apreender a ciência a partir dos encontros, intercâmbios e interações estabelecidos entre comunidades de diferentes origens, contribuindo para a construção de uma abordagem metodológica mais ampla. Tal perspectiva favorece, ainda, a investigação das práticas e dos saberes médicos na

³ O Livro sobre a conservação da saúde é o capítulo VI da obra *Kitâb al-kulliyât fi l-tibb* (Livro sobre as generalidades da Medicina), conhecido no Ocidente como *Colliget* e foi escrito antes de 1162 por Averrois. É a sua obra médica mais conhecida no mundo latino medieval. Está estruturada em sete capítulos: Livro sobre a anatomia dos órgãos; Livro da Saúde; Livro sobre as doenças; Livro sobre os sinais; Livro sobre os medicamentos e os Alimentos; Livro sobre a conservação da saúde; Livro sobre a cura das enfermidades.

⁴ A compleição (em latim, *complexio*; em grego, *krasis*) designa a constituição do indivíduo, abrangendo tanto sua dimensão corporal quanto a disposição do espírito e os diferentes temperamentos. Essa condição resulta da combinação de diversos princípios fundamentais da tradição médico-filosófica: os quatro elementos (terra, água, ar e fogo), os humores (sangue, bile amarela, bile negra e fleuma) e a mistura das qualidades primárias (quente, seco, frio e úmido).

Península Ibérica medieval, ao evidenciar os diálogos interculturais entre os conhecimentos produzidos e compartilhados por físicos judeus, árabes e cristãos.

Assim, independentemente de a autoria das obras em análise estar ligada a um físico cristão, judeu ou árabe, os textos compartilham o mesmo arcabouço teórico fornecido pelo galenismo árabe medieval, o que explica as similitudes observadas na definição das paixões ou acidentes da alma, bem como no estabelecimento de recomendações voltadas ao controle do que definiam como causas das paixões negativas (ira, tristeza) e ao estímulo de tudo aquilo que pudesse gerar emoções benéficas como a alegria, considerada ideal para a preservação da saúde. Houve assim, “um monopólio doutrinal e intelectual médico (o galenismo), praticado por todos os que exerciam a medicina, sejam cristãos, judeus ou muçulmanos” (GARCIA-BALLESTER, 2004, p. 60).

Nesse sentido, a explicação para a uso comum desses preceitos com o objetivo de compreender a saúde e reconhecer os meios adequados à sua preservação fundamenta-se no galenismo árabe medieval. Trata-se do conjunto de teorias e doutrinas inspiradas nos escritos de Galeno, posteriormente sistematizadas por filósofos e médicos do mundo árabe e sintetizadas, sobretudo, na tríade conceitual das *coisas naturais*, das *coisas não naturais* e das *coisas contra a natureza* (as enfermidades). As *coisas naturais* designavam os princípios internos do corpo humano, considerados fundamentais para o seu funcionamento. O termo remetia ao domínio da fisiologia, abrangendo as diversas funções orgânicas⁵.

Já as *coisas não naturais* referem-se aos fatores externos ao corpo que, embora não integrem sua constituição intrínseca, são considerados igualmente essenciais para a manutenção de seu funcionamento adequado. Entre esses elementos incluem-se o ar e o meio ambiente; os alimentos e as bebidas; o exercício e o repouso; a retenção e a expulsão; o sono e a vigília; bem como as paixões da alma. Assim, compreende-se que a *sexta coisa não natural*, ou seja, as paixões, acidentes ou movimentos da alma, é concebida como um elemento externo, mas que exerce influência no funcionamento do corpo humano. O físico árabe Ibn Játima, em seu regimento de epidemia, afirma que as medidas preventivas devem ser relacionadas ao que denomina como domínio da vida e das atividades humanas “que são as seis coisas não naturais que a medicina distingue: o ar da atmosfera que envolve o homem e o seu meio, o movimento e o repouso, a comida e

⁵ Nesse conjunto incluíam-se os quatro elementos que compõem o universo (terra, água, ar e fogo); as compleições; os humores (sangue, bile amarela, bile negra e fleuma; as partes sólidas do corpo, como cérebro, coração e fígado; as operações, isto é, as funções desempenhadas por cada uma dessas partes; e, por fim, as faculdades responsáveis pela realização das atividades biológicas, como a formação, o crescimento, a locomoção e a nutrição.

a bebida, o sono e a vigília, a evacuação e o congestionamento, o psíquico [paixões da alma]” (IBN JÁTIMA, TP, Questão 5).

Considerando que os preceitos referentes às paixões da alma em escritos médicos medievais representam a via pela qual delineamos nossas discussões, estruturamos o artigo em duas partes. Assim, pretende-se primeiramente identificar, nas fontes em análise, a concepção de Paixões da alma e compreender como os físicos medievais concebiam a influência da vida emocional na saúde dos seus pacientes. Do mesmo modo, propõe-se ainda analisar os preceitos médicos acerca das três principais paixões: alegria, tristeza e ira. Por fim, as discussões centram-se na indicação de possibilidades de abordar enfermidades associadas à influência da vida emocional sobre o estado de saúde, com especial atenção à melancolia⁶.

AS “EMOÇÕES” EM ESCRITOS MÉDICOS MEDIEVAIS

O termo moderno “emoção” não fazia parte do universo medieval. No entanto, apesar da ausência dessa palavra, em vários escritos do período identificam-se abordagens em torno dos estados de saúde e doenças considerando elementos que atualmente inserimos no campo emocional. A origem do termo emoção é encontrada no verbo “esmaier” cujo significado é “entrar num estado de privação de consciência” (THOMASSET; VIGARELLO, 2020, p. 161).

Assim, entre os desafios que se colocam ao historiador ao refletir sobre a vida afetiva das sociedades do passado, destaca-se a questão do vocabulário e das categorias analíticas: como investigar e descrever experiências afetivas em períodos históricos nos quais o próprio conceito de “emoção” não integrava o repertório conceitual das sociedades estudadas? (NAGY, 2020). Essa preocupação em se pensar a história das emoções é identificada desde os anos de 1930 quando Lucien Febvre problematizou uma série de temáticas e objetos de pesquisa que eram campos ainda não explorados, mas necessários no âmbito da história. E, em sua concepção, “enquanto nos fazem falta, não haverá uma história possível. Não temos uma história do Amor, pensemos nisso. Não temos uma história da Morte. Não temos uma história da Piedade, nem da Crueldade. Não temos uma história da Alegria” (FEBVRE, 1941, p.18).

⁶ A melancolia é concebida como uma enfermidade de natureza física que afetava a mente, produzindo tristeza e apatia.

Portanto, compreende-se que as emoções configuram uma dimensão constitutiva da experiência humana e acompanham os indivíduos em diferentes contextos históricos. Elas transcendem as fronteiras do tempo e do espaço, aproximando épocas e sociedades distintas por meio de experiências que sugerem certa comunalidade, tais como o sofrimento diante da perda de um ente querido, o temor diante do perigo, a frustração após um revés ou a alegria associada ao prazer. Nesse sentido, Corbin et al (2020, p.10) afirmam que “O medo, a vergonha, a cólera, a alegria seguramente atravessam o tempo, e parecem compreendidos, entendidos de uma época à outra, mas eles variam segundo os indivíduos, as culturas, as sensibilidades”.

Na concepção de Piroska Nagy (2020), no medievo, observa-se a existência de um amplo repertório terminológico destinado a designar aquilo que hoje associamos ao campo afetivo. Nesse contexto, termos latinos como *passio*, *affectus*, *affectio*, *motus animi* e *inclinatio* eram utilizados para nomear diferentes disposições ou movimentos atribuídos à alma. Tais expressões remetiam a dinâmicas internas que compreendiam desejos e repulsas, prazeres e sofrimentos, articulando-se estreitamente tanto às faculdades racionais quanto às dimensões corporais do ser humano. Esses estados afetivos eram, portanto, entendidos como movimentos da alma, constituindo uma das formulações fundamentais por meio das quais a tradição medieval buscou apreender e sistematizar aquilo que, na contemporaneidade, tende a ser identificado sob a categoria de emoção.

Nos escritos dietéticos em análise, produzidos entre os séculos XII e XIV, os físicos expunham os modos de comportamento que os pacientes deveriam seguir para curar suas enfermidades e até mesmo evitá-las ou amenizar os seus sintomas. Dentre esses elementos, normalmente, encontram-se cuidados referentes à influência do ar e meio ambiente, os exercícios, o repouso, os alimentos e bebidas e a influência da vida emocional.

Nos regimentos de saúde e nos de epidemia, por exemplo, os termos acidentes, paixões ou movimentos da alma, são utilizados para referir-se à concepção que temos atualmente acerca dos sentimentos humanos nas diversas formas de manifestações, de contenção, de equilíbrio ou de excesso. Ao considerar a influência da vida emocional no estado de saúde dos pacientes, o físico Maimônides ressalta que o cuidado com as “emoções” deve ser uma das práticas médicas a serem adotadas tanto para conservar a saúde como para restabelecê-la: “Por essa razão, os médicos recomendam que os movimentos psíquicos sejam monitorados e que sejam tomadas providências para

equilibrá-los, tanto em tempos de saúde quanto de enfermidade” (MAIMÔNIDES, RS, Cap. 3, p.78).

Nesse sentido, pode-se afirmar que as paixões são movimentos psicossomáticos que, desencadeadas no nível intelectual, afetam diretamente o corpo e, indiretamente, a alma, atuando de forma imediata sobre o organismo. A esse respeito, no *Regimento de Saúde para o rei de Aragão*, Arnaldo de Vilanova ressalta a importância de observar com atenção as ações do que atualmente denominamos como emoções sobre a vida dos pacientes, em especial a ira e a tristeza, porque em sua concepção são nocivas à saúde. No capítulo 6 intitulado “Sobre os acidentes da alma” afirma que: “Convém saber que os acidentes da alma alteram ou modificam o corpo e, além disso, influenciam nas operações da mente. Portanto, as coisas prejudiciais devem ser evitadas, especialmente a ira e a tristeza” (ARNALDO DE VILANOVA, RSRA, Cap. 6, p. 436).

A sexta coisa não natural, as paixões ou acidentes da alma, refere-se à influência da vida emocional na saúde do homem e era uma das preocupações dos físicos ao comporem os regimentos de saúde para seus pacientes. Juan de Aviñon, em sua obra *Medicina Sevillana*, ressalta que: “os movimentos [da alma] são uma das seis coisas necessárias porque são causa de saúde e de enfermidades” (JUAN DE AVIÑON, MS, Cap. 62, p.487).

Na concepção de Pedro Gil-Sotres (1992), nos escritos médicos medievais o termo acidentes da alma refere-se às inclinações que rompem o equilíbrio da vida psíquica e, portanto, era um campo de domínio médico, pois acreditava-se que as emoções poderiam modificar ou alterar o corpo e conseqüentemente prejudicar ou beneficiar a saúde. Semelhante argumentação dos físicos baseia-se na tradição hipocrática, que salientava a importância dos modos de vida ou dos comportamentos sociais para manter-se saudável.

A vida emocional recebe diferentes títulos nos textos médicos, sobretudo nos regimentos de saúde. Na tradição filosófica, os elementos integrantes da vida emocional são denominados paixões da alma, mas, nas fontes médicas, predomina o título *acidentes da alma*. Uma das influências na adoção desse termo deve-se ao trabalho de tradução da obra *Ysagoge*, de *Johannitius*, realizada por Constantino, o Africano⁷ (século XI), em que consta unicamente acidentes da alma. Arnaldo de Vilanova emprega igualmente em seus dois escritos essa expressão. No *Regimento de Saúde para o Rei de Aragão*, o capítulo

⁷ Constantino, o Africano, mestre da Escola de Medicina de Salerno, nasceu em Cartago, no início do século XI.

seis é denominado de “Sobre os acidentes da alma”. Por sua vez, na obra *Espelho da Medicina*, aborda a influência da vida “emocional” no capítulo 81 adotando o mesmo título. Nas fontes primárias analisadas, constata-se que não há uma padronização no uso do título para referir-se “as emoções”, conforme observa-se no quadro a seguir:

Quadro 1: Termos referentes às “emoções” em escritos dietéticos medievais

Autor	Obra médica	Termos	Capítulo
Maimônides	Regimento de Saúde	“Movimentos psíquicos” “Saúde psíquica”	3
Pedro Hispano	Livro sobre a Conservação da Saúde	-	-
Arnaldo de Vilanova	Regimento de Saúde para o rei de Aragão	“Acidentes da alma”	6
Ibn Játima	Tratado sobre a Peste	“Paixões da alma” “Psíquico”	5
Juan de Avignon	Medicina Sevillana	“Movimentos da alma” “Paixões da alma”	62

Fonte: elaborado pela autora

As emoções ou paixões da alma despertavam o interesse dos físicos medievais e integravam a estrutura das obras mencionadas no quadro acima. Em relação ao *Livro sobre a Conservação da Saúde* de Pedro Hispano, mesmo não tendo um tópico específico e não mencionando os termos paixões, movimentos ou acidentes da alma, os preceitos acerca da *sexta coisa não natural* estão presentes ao longo da obra. No segundo opúsculo “*Coisas que fazem bem e mal*” na parte em que indica as coisas que fazem mal ao coração, Pedro Hispano condena: “A tristeza, preocupações [...] trabalhos difíceis e todo serviço intolerável e o que quer que faça a alma entristecer-se, porque o coração é o princípio da vida e o termo da morte” (PEDRO HISPANO, LCS, p.456).

Em relação ao *corpus* selecionado, identificamos ainda o uso dos termos “movimentos psíquicos ou saúde psíquica” para referir-se ao que denominamos “emoções”. O físico judeu Maimônides, na obra composta para o sultão Al-Afdal, no terceiro capítulo intitulado “Sobre o regimento de saúde de meu senhor em particular sobre o que o afeta”, aborda o que denomina “O regime da saúde psíquica⁸” e indica as reações e alterações que aparecem no corpo como resultado da influência, por exemplo, de uma paixão negativa:

⁸ No Regimento de saúde do físico Maimônides, a palavra “psíquico” derivada do grego *psyche* era utilizada para referir-se à alma (em latim, *anima*).

É do conhecimento do meu senhor que as afecções psíquicas alteram muito o corpo e as alterações são claras, visíveis e manifestas para todos. Vereis um homem de inteligência lúcida, com uma voz forte e agradável e o rosto radiante. Quando, de repente, um grande desespero se apodera dele, o seu rosto muda, ele perde a luminosidade do rosto, se encolhe, a sua voz torna-se baixa e fina (MAIMÔNIDES, RS, Cap. 3, p. 77).

Outros termos que aparecem em escritos médicos para se referir a essa temática são movimento ou paixões da alma. O físico Juan de Aviñon, em sua obra *Medicina Sevillana*, destina as discussões do capítulo 62 denominado “Cuidados com a saúde: os movimentos da alma” aos preceitos referentes a essa temática que em sua concepção tem uma estreita relação com o coração.

As causas são expostas na filosofia natural, e o que é preciso saber aqui é isto: que parte do corpo é aquela em que estão situadas as potências animais, porque é responsável pela conservação da saúde, mas isso pode ser dito [...] do coração, com o seguinte argumento: que o coração é o local das potências da alma, prova-se dizendo isto: o coração é o local da ira e do medo, e a ira e o medo são paixões da alma, de onde se conclui que o coração é o local das paixões da alma (JUAN DE AVIÑON, MS, Cap. 62, p. 484).

Somando-se a essas discussões que buscam entender a concepção de “emoção” no discurso médico medieval, a reflexão que se desenvolve a seguir insere-se no esforço de compreensão das principais recomendações dos físicos acerca dessa *sexta coisa não natural*. Considerando o *corpus* documental analisado, composto por regimentos de saúde e de epidemia, e partindo dos saberes médicos em relação à vida emocional, observa-se como os físicos em estudo identificaram e sistematizaram os tipos de paixões, as modificações que provocavam no corpo e as medidas dietéticas para evitar os malefícios gerados pelos acidentes da alma concebidos como negativos.

ACIDENTES DA ALMA EM REGIMENTOS DE SAÚDE: ALEGRIA, TRISTEZA E IRA

O arcabouço teórico utilizado pelos físicos medievais para abordar questões atinentes ao campo “emocional” fundamentava-se, em grande medida, na tradição hipocrática, que enfatizava a relevância dos modos de vida e das práticas sociais na manutenção do equilíbrio corporal. Assim, os físicos, no processo de elaboração dos regimentos de saúde analisados neste artigo, fundamentavam-se em um conjunto de

textos gregos e árabes, reconhecidos como *auctoritates*⁹ (NUTTON, 2006; HAMESSE, 1998).

Observa-se uma abordagem racional da saúde e da doença, compreendidas como fenômenos que afetavam o corpo humano, mas que, a partir do conhecimento de seus mecanismos de ação, possibilitavam a prescrição de tratamentos e de medidas preventivas para evitar as enfermidades. O médico, enquanto tal, atua no campo da saúde e de todos os fatores que com ela se relacionam. Como a saúde pode ser preservada, comprometida ou enfraquecida em função dos comportamentos morais, estes também passam a integrar o horizonte de atuação no âmbito da medicina.

Nesse debate, Pedro Gil-Sotrés (1996) afirma que a convergência entre medicina e moral manifesta-se em diversos âmbitos da prática médica. Assim, os chamados “acidentes da alma” podiam ser abordados sob duas perspectivas distintas: de um lado, quando considerados exclusivamente no plano da alma, tais fenômenos situavam-se no domínio da filosofia natural; de outro, quando analisados em sua relação com o corpo, passavam a constituir-se em objeto de interesse da medicina.

Nesse contexto, cabia aos físicos se atentar tanto para os chamados acidentes da alma quanto para os bons e maus costumes de seus pacientes. Considerava-se que, assim como hábitos inadequados poderiam conduzir a uma má compleição, uma compleição alterada também poderia gerar disposições morais e comportamentais indesejáveis. Estabelecia-se, desse modo, uma relação de reciprocidade entre constituição corporal e conduta moral. É nesse sentido, que Pedro Hispano afirma que “a sabedoria, o caráter e a honestidade de vida corrigem a inclinação natural e fortalecem o calor vital por forma excelente” (PEDRO HISPANO, LCS, p. 452). Em consequência, o campo da vida afetiva passava a integrar o horizonte de intervenção médica. Por meio de orientações voltadas à preservação da saúde, o médico não apenas tratava das condições corporais, mas também orientava práticas de vida e comportamentos, intervindo, assim, em aspectos da esfera privada de seus pacientes.

Para os físicos, assim como para os filósofos, os chamados acidentes da alma têm sua origem na mente. Pedro Gil-Sotrés (1996) afirma que mais que acidentes da alma, dever-se-ia falar de paixões do coração, pois esse é o órgão central no qual vão ocorrer todas as transformações que constituem a essência da paixão. Ele é responsável

⁹ O termo *auctoritates* é utilizado para designar um conjunto de escritos e citações passíveis de serem conhecidos. Durante medievo, os termos *auctoritas* (autor) e *auctoritates* (textos) apresentavam-se intimamente ligados. Neste sentido, estes diziam respeito a um autor/texto que mereciam e deveriam ser lidos e apreendidos.

por gerá-las, por via da entrada ou não do calor inato¹⁰ nele. Nesse sentido, compreendiam que “desencadeadas ao nível do espírito ou da imaginação, [as paixões da alma] tinham repercussão imediata no corpo, onde elas produziam toda uma série de reações” (GIL-SOTRÉS, 1992, p.276).

A partir do processo de apreciação, a paixão desencadeia uma estimativa acerca de um objeto exterior ao indivíduo. Tal objeto é apreendido pelos sentidos, sobretudo pela visão e pela audição, consideradas as principais vias de acesso às sensações. Uma vez efetuada essa valorização, o acidente da alma deixa de pertencer exclusivamente ao âmbito da mente para repercutir no corpo, no qual se desencadeia uma série de modificações ou diversos sintomas somáticos característicos das paixões, tais como alterações na coloração da pele, aceleração dos batimentos cardíacos, aquecimento ou arrefecimento do corpo, entre outros.

Por isso era uma temática que despertava o interesse dos físicos. A esse respeito e considerando a perspectiva da dietética, o medo, por exemplo, era concebido como uma paixão negativa, pois gera uma série de alterações no corpo como o frio, os temores, a palidez. Ainda em relação as alterações, observa-se que o “rosto do medroso se torna pálido ou branco, à medida que o sangue o abandona” (PEÑA; GIRÓN, 2006, p. 174). Nesse sentido, refletindo sobre essas modificações no corpo, os físicos classificaram os diferentes acidentes da alma: alegria, tristeza, angústia, ira, temor e vergonha. A esse respeito, Juan de Aviñon, seguindo como embasamento teórico o físico árabe Avicena (980-1037), enumera algumas classes de movimentos da alma:

o primeiro movimento é emocional, repentino, o que vai do exterior para o interior, como ocorre no caso do medo; o segundo, também emocional, vai subitamente de dentro para fora, como acontece com a ira e a vergonha; o terceiro, se produz no interior, de maneira gradual, como na tristeza; o quarto se produz, gradualmente, no exterior, como a alegria; o quinto, composto por dois elementos, segue em duas direções: para fora e para dentro, como a tristeza e a ira juntas, ou a vergonha e o medo, pois o medo retira a presença de ânimo e o sangue para dentro, de maneira que o rosto fica amarelado ou pálido; e com a vergonha ocorre o contrário, o sangue e a emoção fluem de dentro para fora e o rosto se torna vermelho [...] (JUAN DE AVIÑON, MS, Cap. 62, p. 488).

¹⁰ O calor inato, localizado no coração, era concebido como o princípio motor responsável pelos diversos fenômenos indispensáveis à manutenção da vida. Entendido como fundamento vital do organismo humano, era frequentemente comparado a uma chama que não poderia manter-se sem a presença do ar; nesse sentido, este elemento era considerado indispensável para evitar a extinção do calor natural.

A partir da análise das fontes é possível sistematizar as principais paixões ou acidentes da alma na dietética medieval e que eram classificadas como benéficas ou contrárias à saúde corporal. A alegria, uma paixão positiva, parte de fora do organismo e se interioriza. Além disso, se manifesta aos poucos. É considerada pelos físicos como boa para todos, pois aumenta o calor interno. Pedro Hispano, ao listar as coisas que fazem bem ao fígado, afirma que: “Do mesmo modo, convém ao fígado toda a alegria e o prazer” (PEDRO HISPANO, LCS, p.456). A alegria é o acidente da alma mais valorizado pelos médicos. É considerada boa para toda a idade e compleição, portanto, para todos os seres humanos.

[...] você verá um homem com o corpo fraco, uma aparência estranha e uma voz fraca. Quando ele sentir grande alegria, você verá que seu corpo se fortalece, sua voz se eleva, seu rosto se ilumina, seus movimentos se tornam mais rápidos, sua força aumenta e o pulso em suas veias acelera. Ele refletirá alegria e felicidade em seus olhos e cílios. Tudo isso será muito claro; ele não conseguirá esconder, nem será necessário o uso de reflexão para perceber. A causa desses sintomas é o movimento do calor e do sangue inatos em direção ao rosto (MAIMÔNIDES, RS, Cap. 3, p.77).

Já as paixões contrárias à saúde são classificadas em quatro tipos: a tristeza, a ansiedade, o medo e a ira. No *Liber de Conservanda Sanitate* podemos encontrá-las quando Pedro Hispano ao descrever as coisas nocivas ao coração, ao cérebro e ao estômago indica: a “ira, as tristezas e as preocupações” (PEDRO HISPANO, LCS, p.468).

No capítulo 6 do regimento, intitulado “Sobre os acidentes da alma”, Arnaldo de Vilanova sugere ao monarca Jaime II de Aragão, seu paciente e para quem compôs a obra, que se afaste de toda a causa de tristeza, como preocupações excessivas que impedem o cérebro de encontrar a paz, logo, deveria ocupar-se com coisas que consolassem e afastassem as emoções negativas. E, nessa perspectiva, enumera os efeitos negativos desse sentimento para a saúde: restringir o coração, embotar o entendimento, impedir o conhecimento, ofuscar o juízo e destruir a memória.

Observa-se nas obras em análise, que as emoções são classificadas de acordo com os benefícios e malefícios que poderiam causar à saúde dos pacientes como, por exemplo, a ira. Arnaldo de Vilanova considera essa “emoção” prejudicial à saúde corporal e ressalta a importância de evitá-la, pois em sua concepção “a ira inflama e superaquece todos os órgãos, e através do coração exerce uma influência negativa sobre a razão. Seus objetivos devem ser evitados, salvo na medida em que persuadem a razão

para detestar todos os vícios e conseguir maior limpeza da mente” (ARNALDO DE VILANOVA, RSRA, Cap. 6, p. 436).

Assim, dentre todas as emoções negativas, a ira é identificada nas fontes em estudo e descrita como um movimento acelerado do calor que se movimenta de fora para dentro do corpo em direção ao coração. Em relação aos sintomas ou reações que a ira provoca no corpo destacam-se forte taquicardia, vermelhidão no rosto, os olhos exorbitados, etc. No entanto, apesar de recomendar cuidado em relação a esse movimento da alma, Juan de Aviñon ressalta que “[...] de raiva ninguém morre, pois o calor natural se acende com o sangue e, por isso, o indivíduo cora e a natureza se reforça para se vingar daquilo que o fez enfurecer-se” (JUAN DE AVIÑON, MS, Cap. 62, p. 489).

Mais do que identificar e esquematizar as paixões ou acidentes da alma, os físicos demonstram em seus escritos a preocupação em recomendar preceitos dietéticos visando à manutenção da saúde dos seus pacientes. Em geral, observa-se que a principal paixão que faz bem é a alegria. Para tê-la é aconselhado aproveitar a vida, viver cercados de pessoas alegres, em harmonia com o lugar onde se vive e se afastar de tudo o que afetam negativamente o corpo.

Assim, com o propósito de manter a saúde de seu paciente, o rei Jaime II, Arnaldo de Vilanova aconselha em seu escrito o uso da leitura em voz alta, do canto, da poesia e da música. É nesse sentido que o físico sugere que, antes de dormir, o monarca deveria dedicar-se às atividades agradáveis, evitando assuntos amargos. Recomendava, por exemplo, “coisas que são plácidas ao fácil intelecto, como as histórias dos reis e dos santos ou as músicas melodiosas”, ou seja, as gestas, as *vitae* e as canções (ARNALDO DE VILANOVA, RSRA, Cap. 6, p. 434). Em sua concepção, os pacientes não podem ser influenciados pela ira, tampouco, pela tristeza: sentimentos nocivos à saúde pelos seus efeitos negativos ao coração. Portanto, Arnaldo indica a seu paciente que, “muitas vezes, com felicidade, devem repousar e com honestos confortos, para que a alma refloresça e o espírito seja reparado” (ARNALDO DE VILANOVA, RSRA, Cap. 6, p. 436).

E como cuidar da saúde em tempos de epidemia? Em momentos que a localidade enfrenta enfermidades pestilentas, é comum a presença de acidentes da alma vistos como nocivos: tristeza, medo de morrer, angústia, desânimo. É interessante observar que o autor árabe Ibn Játima aconselha a evitar tudo que possa ser prejudicial à saúde da alma “é preciso evitar o que afeta a alma, os medos, as angústias, a raiva, a irritação e, em geral, tudo o que comove a personalidade íntima de maneira excessiva e

desagradável.[...]" (IBN JÁTIMA, TP, Questão 5). O físico árabe ainda recomenda para se manter saudável nesses períodos desconfiar de tudo o que entristece e gera preocupações, pois isso é causa de enfermidade.

Como medida preventiva, Ibn Játima recorre à teoria do uso dos contrários¹¹. No caso específico do campo "emocional" em que o medo, a angústia, a raiva e a irritação são prejudiciais à saúde, considera como medida preventiva a adoção do oposto a essas emoções negativas, ou seja, é aconselhado ao paciente investir naquilo que possa gerar emoções benéficas como a alegria. Assim, deve procurar vivenciar um ambiente de tranquilidade, esperança, paz da alma e adotar práticas associadas à sociabilidade e ao entretenimento como a convivência com pessoas capazes de "cativar a mente". Além de evitar "emoções" negativas, nota-se, como prática para a preservação da saúde, a adoção do princípio da moderação, pois tudo em excesso é considerado prejudicial, conforme observa-se na seguinte passagem



o melhor comportamento consiste em buscar estados de alegria, felicidade, paz da alma, tranquilidade do coração e manter a esperança; entre o que é lícito e previsto pela lei religiosa, a conversa daqueles que sabem cativar a mente e treiná-la com as suas narrativas. [...] Para quem deseja proteger-se da epidemia, convém estar atento a isso e evitar os excessos, pois o fogo ardente queima com as suas faíscas; é preciso colocar a sua confiança em Deus – que Ele seja glorificado! – pois Ele é a melhor salvaguarda, o mais misericordioso (IBN JÁTIMA, TP, Questão 5) .

A esse respeito, o físico Maimônides, além de recomendar o afastamento de tudo aquilo que provoca aflição, aconselha seu paciente, o sultão Al-Afdal, preservar a alegria como forma de restabelecer o equilíbrio do psiquismo. Recomenda ainda "fortalecer a faculdade vital com instrumentos de música, narrando aos enfermos relatos alegres que ampliem sua alma e seu coração, contando novidades que agitem seu conhecimento e o façam sorrir, reunindo com pessoas que o divirta" (MAIMÔNIDES, RS, Cap. 4, p.66).

¹¹ A teoria do uso dos contrários ocupa lugar central nas prescrições terapêuticas presentes nos escritos médicos medievais. No campo farmacológico, partia-se do pressuposto de que as enfermidades, os medicamentos, os alimentos possuem determinadas qualidades (quente, fria, seca e úmida). Desse modo, se uma doença era concebida como fria e úmida, as medidas terapêuticas, bem como as recomendações preventivas, fundamentavam-se na aplicação de qualidades opostas como o quente e seco, presentes nos medicamentos e/ou nos alimentos. Nos regimentos de saúde, recomenda, por exemplo, durante o inverno (frio e úmido), viver em lugares com climas mais quentes e secos. Da mesma forma, usando a teoria dos contrários, indica consumir ao longo do inverno alimentos temperados com pimenta que os deixam mais quentes.

No presente âmbito de análise, identifica-se no discurso dos dois físicos em estudo, Maimônides e Juan de Aviñon, uma discussão em comum: ambos consideram como fator determinante para gerar “paixões negativas” ficar constantemente rememorando situações ruins que aconteceu na vida, conforme observa-se a seguir:

é necessário que o homem que deseja preservar a sua saúde se guarde de se irritar, de se enfurecer e de se preocupar, na medida do possível, uma vez que vê que isso causa um dano tão grande ao corpo [...] por isso, o homem deve evitar a ira e a preocupação, pois, como diz o sábio, se se trata de algo passado, é inútil lamentar-se, porque já não se pode mudar; e se for algo que está por vir, também é inútil, pois talvez ele morra antes e não o veja” (JUAN DE AVIÑON, MS, Cap. 62, p. 489-490).

Tudo o que o homem pensa e dói o seu pensamento, produz tristeza, pena e aflição é por uma dessas duas coisas: 1) pensa em algo que passou, como algo que ocorreu a ele, por exemplo, a perda de dinheiro ou a morte de um homem que entristeceu seu coração; 2) pensa em temas futuros que sucederão e que os assustam como aquele que pensa que sofrerá um grande prejuízo (MAIMÔNIDES, RS, Cap. 3, p.82-83).

Nos dois escritos, apesar de temporalidades diferentes, predominam a preocupação com a estreita ligação entre os estados emocionais e a manutenção da saúde física. Nesse sentido, paixões negativas como a ira e a tristeza que podem causar apreensão, angústia e sofrimento são consideradas nocivas, pois podem gerar um desequilíbrio corporal e prejudicar a saúde. Observa ainda que nas situações exemplificadas os físicos identificam as causas da aflição em duas circunstâncias específicas: 1) a inquietação gerada por problemas passados e irreversíveis como perdas, mortes e prejuízos; 2) a ansiedade ao pensar em questões do futuro que é marcado pela incerteza. Tanto os preceitos de Juan de Aviñon como os Maimônides se convergem ao indicar elementos prejudiciais ligados às paixões negativas em que a pessoa ao invés de focar em questões do presente sofre rememorando o que já aconteceu ou ainda se angustia considerando eventos futuros incertos.

Na primeira citação, Juan de Aviñon, ao indicar recomendações visando disciplinar as emoções, prescreve um comportamento ideal para se manter saudável, ou seja, apresenta um caráter normativo em que recomenda como prática terapêutica controlar as paixões negativas evitando tudo o que possa enfurecer, irritar ou gerar preocupações. Maimônides, por sua vez, estabelece a relação da origem do sofrimento emocional com o ato de pensar: “homem pensa e dói o seu pensamento, produz tristeza, pena e aflição” (MAIMÔNIDES, RS, Cap. 3, p.82).

Além de se afastar de tudo o que oprime, o físico judeu Maimônides recomenda para o fortalecimento da alma que o paciente evite seu isolamento da sociedade até que a naturalidade da alma seja correta. Em sua concepção, essa recomendação é muito boa, pois contribuirá para diminuir os pensamentos negativos e as tristezas. Essa preocupação também é identificada nos conselhos do físico Juan de Aviñon quando recomenda afastar-se “da melancolia e da tristeza, pois alteram o temperamento, ressecam o corpo, enfraquecem o calor natural e conduzem à morte” (JUAN DE AVIÑON, MS, Cap. 62, p. 489). Considerando o gênero literário a que se insere os regimentos de saúde ou os de epidemia, não encontra-se a preocupação em definir doenças e prescrever medidas terapêuticas, pois o objetivo central dessa tipologia de obras é com a preservação da saúde. Mesmo assim, as enfermidades são mencionadas, conforme observa-se na citação acima de Juan de Aviñon.

Destarte, em algumas das fontes examinadas principais identifica-se a referência às enfermidades relacionadas aos aspectos da vida emocional dos pacientes, particularmente estados de profunda tristeza. Assim, há ainda várias possibilidades de análise das “emoções” em escritos médicos medievais que podem ser explorados abordando, por exemplo, enfermidades como a melancolia e o mal de amor¹² que no discurso médico medieval são explicadas a partir de elementos ligados às paixões ou acidentes da alma.

O físico Bernardo de Gordônio (1258-1318), por exemplo, em sua obra *Lílio da Medicina*¹³, dedica o capítulo 19¹⁴ à melancolia, enfermidade cuja causa seria o domínio do humor melancólico, capaz de danificar o cérebro, perturbar o espírito e obscurecer a alma. Em relação aos sintomas, destaca-se, por exemplo, a pessoa que padece dessa doença costuma se afastar da companhia das pessoas e está sempre triste. Do mesmo modo que um dos sintomas se manifesta por meio de uma paixão negativa (a tristeza), o tratamento envolve, entre diversos preceitos terapêuticos, o recurso a outro acidente da alma que exerce influência benéfica sobre a saúde: a alegria, “pois se o que

¹² O mal de amor ou amor hereos era uma enfermidade psicossomática em que a obsessão pela pessoa desejada prejudicava a razão e gerava uma série de sintomas como aflição, angústia, pensamentos melancólicos.

¹³ O *Lílio da Medicina* foi estruturado em sete livros contendo no total 154 capítulos em que, com base na escolástica médica, são abordadas diferentes enfermidades.

¹⁴ Considerando que essa obra não é um regimento de saúde ou de epidemia, principais fontes em estudo, não terá a análise na mesma proporção que as fontes principais.

mais prejudica é a tristeza e a preocupação [...] em resumo, deve fazer tudo o que alegra a alma” (BERNARDO DE GORDÔNIO, LM, Livro 2, Cap. 19, p. 512).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste estudo evidenciou que, embora o termo moderno “emoção” não integrasse o vocabulário conceitual da medicina medieval, os escritos médicos e dietéticos produzidos entre os séculos XII e XIV apresentam reflexões consistentes acerca de estados afetivos e de sua relação com a saúde e a doença. Nas fontes analisadas, tais experiências são designadas por expressões como paixões, movimentos ou acidentes da alma, compreendidas como inclinações capazes de alterar o equilíbrio da vida psíquica e, conseqüentemente, influenciar o corpo. Por esse motivo, constituíam um campo legítimo de atenção médica.

Nos tratados analisados, especialmente nos regimentos de saúde, observa-se a recorrente preocupação em orientar os pacientes quanto à moderação das paixões consideradas nocivas, como a ira e a tristeza, bem como em estimular disposições benéficas, sobretudo a alegria. Entre as recomendações médicas figuram conselhos voltados ao afastamento de circunstâncias perturbadoras e ao cultivo de experiências agradáveis, como a convivência com amigos e o diálogo sobre temas prazerosos. Para os físicos medievais, o cuidado com a saúde não se restringia às dimensões fisiológicas, mas abrangia também os hábitos, os comportamentos e as disposições afetivas dos indivíduos. Assim, ao lado das prescrições relativas à alimentação, ao ambiente e às práticas de higiene, os médicos também ofereciam orientações destinadas à moderação das paixões e à promoção de estados anímicos favoráveis.

Por fim, este artigo apresenta importantes contribuições para a História das sensibilidades e ainda para a história da saúde e da doença no Medievo. A análise do rico *corpus* documental médico selecionado permitiu reunir evidências que possibilitaram compreender as prescrições relativas às “emoções” a partir das intersecções entre os saberes do campo da medicina latina e árabe, destacando-se, sobretudo, a importância da experiência (*practica medica*) dos físicos autores das obras analisadas. Assim, a valorização dessas orientações insere-se na preocupação médica em relação aos efeitos benéficos e também os negativos das “emoções” sobre a vida dos seus pacientes. Amparados pelo arcabouço teórico greco-árabe, por novas interpretações de seu *corpus* teórico e pela experiência no exercício de suas profissões, os físicos ampliaram suas

formas de intervenção na vida dos pacientes, contribuindo para integrar a gestão das paixões ou acidentes da alma ao conjunto das práticas voltadas à conservação da saúde.

REFERÊNCIAS

FONTES

ARNALDO DE VILANOVA. *Regimen Sanitatis ad Regem Aragonum*. In: GARCIA-BALLESTER, Luís e McVAUGH, Michael R. (Orgs.). *Arnaldi de Villanova Opera Medica Omnia*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1996, p. 423 – 470.

AVERRÓIS. *El libro sobre la conservacion de la salud*. In: *El libro de las generalidades de la medicina*. Madrid: Trotta, 2003, p. 359-387.

BERNARDO DE GORDÔNIO. *Lilio da Medicina*. Vol. 1. Madrid: Arco/Libros, 1993.

IBN JÁTIMA. Tratado sobre a Peste. (1349). In: CAMBRA, Luísa Maria Arvide. *El Tratado de la Peste de Ibn Jatima: Cuestiones I-VI*. Berlín: Logos Verlag, 2014.

JUAN DE AVIÑON. *Sevillana Medicina*. Madrid: Arco Libros, 2000.

MAIMÔNIDES. *El régimen de salud*. Cordoba: Ediciones el Almendro, 2006, p. 41 – 105.

PEDRO HISPANO. *Líber de Conservanda Sanitate*. In: PEREIRA, M. R. Rocha (Org.). *Obras médicas de Pedro Hispano*. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1973, p. 427-500.

BIBLIOGRAFIA

CORBIN, Alain et al. Introdução geral. In: CORBIN, A., COURTINE, J.J., VIGARELLO, G. (Orgs.). *História das emoções: da Antiguidade às Luzes*. São Paulo: Vozes, 2020, p. 9-18.

GARCIA-BALLESTER, Luís. *Artifex Factivus Sanitatis: saberes y ejercicio profesional de la medicina en la Europa pluricultural de la Edad Media*. Granada, 2004.

GARCIA-BALLESTER, Luís. *La búsqueda de la salud: sanadores y enfermos en la España medieval*. Barcelona: Ediciones Península, 2001.

GIL-SOTRES, Pedro. La higiene de las emociones. In: GARCIA-BALLESTER, Luís e McVAUGH, Michael R. (Orgs.). *Arnaldi de Villanova Opera Medica Omnia: Regimen Sanitatis ad Regem Aragonum*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1996, p. 803-827.

GIL-SOTRES, Pedro. Les regimes de santé. In: GRMEK, Mirko D. (Org.). *Histoire de la pensée medical en Occident: Antiquité et Moyen Age*. Paris: Seuil, 1995, p. 257 – 281.

HAMESSE, Jacqueline. Le vocabulaire des florilèges médiévaux. In: WEIJERS, O. **Méthode et instruments du travail intellectuel au moyen âge**. Turnhout: Brepols, 1990, p. 209 – 230.

JACQUART, Danielle. La scolastique médicale. In: GRMEK, Mirko D. (Org.). **Histoire de la pensée medical en Occident**: Antiquité et Moyen Age. Paris: Seuil, 1995, p. 175 – 210.

FEBVRE, Lucien. La sensibilité et l'histoire: Comment reconstituer la vie affective d'autrefois? **Annales d'histoire sociale** (1939-1941), T. 3, No. 1/2 (1941), p. 5-20

NAGY, P. A emoção na Idade Média: um período de razão. In: CORBIN, A., COURTINE, J-J., VIGARELLO, G. (Orgs.). **História das emoções**: da Antiguidade às Luzes. São Paulo: Editora Vozes, 2020, p. 169-180.

NUTTON, Vivian. The Rise of Medicine. In: PORTER, Roy (Org.). **The Cambridge History of Medicine**. Cambridge: University Press, 2009, p. 41 – 70.

PENÑA, Carmen e GIRÓN, Fernando. Las emociones. In: **La Prevención de La Enfermedad en la España Bajo Medieval**. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2006, p. 173-183.

RAJ, Kapil. Beyond Poscolonialism... and Postpositivism. Circulation and the Global History of Science. **Isis**, v. 104, 2013, p. 337-347.

ROSENWEIN, Bárbara. A Alta Idade Média. In: CORBIN, A., COURTINE, J-J., VIGARELLO, G. (Orgs.). **História das emoções**: da Antiguidade às Luzes. São Paulo: Editora Vozes, 2020, p.137-160.

ROSENWEIN, Bárbara. **História das emoções**: Problemas e métodos. São Paulo: Letra e voz, 2011.

THOMASSET, Claude. Referências cotidianas, referências médicas. In: CORBIN, A., COURTINE, J-J., VIGARELLO, G. (Orgs.). **História das emoções**: da Antiguidade às Luzes. São Paulo: Editora Vozes, 2020, p.181-198.

THOMASSET, Claude; VIGARELLO, Georges. “Esmouvoir”, “esmouvement” – Arqueologia medieval do termo “emoção”. In: CORBIN, A., COURTINE, J-J., VIGARELLO, G. (Orgs.). **História das emoções**: da Antiguidade às Luzes. São Paulo: Editora Vozes, 2020, p. 161-168.

Recebido em: 16/03/2026
Parecer dado em: 19/05/2026